A Quebra da Quarta Parede em Narrativas Complexas: Uma Análise das Séries *Fleabag* e *High Fidelity*[1]

Nayara ZANETTI[2]
Daiana SIGILIANO[3]
Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, MG

RESUMO

De acordo Esquenazi (2012) e Mittell (2012; 2015) na ficção seriada estadunidense contemporânea a quebra da quarta parede faz com que as tramas se distanciem das produções convencionais, inovando na forma de contar histórias. A partir deste contexto, este artigo tem como objetivo analisar de que modo o recurso é usado na complexidade narrativa, potencializando a relação parassocial entre o telespectador e o personagem. Para reflexão desta questão, traçamos um breve histórico desta técnica de *storytelling* e aplicamos a análise de conteúdo (BARDIN, 1977) nas séries *Fleabag* (2016 - 2019, BBC/Amazon) e *High Fidelity* (2020, Hulu). Conclui-se ao adotar o recurso da quarta parede as tramas complexas engendram novas camadas interpretativas e estimulam a compreesão crítica do público.

PALAVRAS-CHAVE: ficção seriada; complexidade narrativa; quarta parede; *fleabag*; *high fidelity*.

INTRODUÇÃO

Discutida por Mittell (2012; 2015), a complexidade narrativa (*complex TV*) é um modelo de *storytelling* que se opõe às formas convencionais episódicas e seriadas que caracterizam a televisão estadunidense desde a sua origem. Segundo o autor (2015, p. 17-54), esse modelo narratológico tem início nos anos 1990 e estende até contemporaneidade, abrangendo os canais abertos e pagos.

---

[1] Trabalho apresentado no IJ04 - Comunicação Audiovisual, da Intercom Júnior – XVII Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do 44º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação

[2] Estudante de Graduação 6º. semestre do Curso de Jornalismo da FACOM-UFJF, bolsista do PET - FACOM e-mail: nayara.zanetti@estudante.ufjf.br

[3] Doutoranda e mestre em Comunicação pela UFJF. Membro do grupo do Grupo de Pesquisa em Comunicação, Arte e Literacia Midiática da UFJF, pesquisadora do Observatório da Qualidade no Audiovisual e do Obitel Brasil. E-mail: daianasigiliano@gmail.com

Apesar de ter se concretizado em *Twin Peaks* (1990 - 1991, ABC), a complexidade narrativa é um reflexo das produções realizadas no final da década de 1970 e início dos anos 1980, tais como *Hill Street Blues* (1981 - 1987, NBC) e *Dallas* (1978 - 1991, CBS), que apresentavam uma densidade em seus universos ficcionais até então inédita no âmbito televisivo (NELSON, 1997).

Entretanto, é importante ressaltar que mesmo com a difusão e a popularização desse modelo de *storytelling* teorizado por Mittell (2012, 2015), a grade de programação da TV estadunidense ainda é predominada pelas formas convencionais. A complexidade narrativa tem como característica mais básica a fruição entre a narração episódica e a seriada, utilizando diferentes gêneros narrativos. O autor também afirma que elementos como, por exemplo, a ausência de setas chamativas, o uso de efeitos especiais narrativos, como reviravoltas e clímax, a violação das regras de narração e o rompimento da quebra da quarta parede podem ser observados neste modelo narratológico.

Segundo Mittell (2012), às narrativas complexas geralmente rompem com a quarta parede, seja ela representada visualmente ou em uma referência direta (*Malcolm in the Middle*, *The Bernie Mac Show*) ou de maneira mais ambígua com voz over obscurecendo a separação entre o diegético e não-diegético (*Scrubs*, *Arrested Development*), colocando em destaque a própria quebra de convenções que promove. De acordo com o autor, as ficções seriadas complexas apresentam poucas sinalizações explícitas sobre os acontecimentos da trama. Tal ação provoca uma desorientação no público, estimulando seu engajamento ativo na compreensão da história. Conforme Mittell (2012, p.36),

> Este formato de programação demanda um processo ativo e atento de entendimento com o objetivo de decodificar tanto histórias complexas quanto os modelos de storytelling oferecidos pela televisão contemporânea. O público tende a aderir a programas complexos de uma forma muito mais apaixonada e comprometida do que à maior parte da programação da televisão convencional.

Atualmente muitas produções audiovisuais estão apostando nesta técnica de *storytelling* para construir uma narrativa diferenciada e o resultado, na maioria das vezes, atrai a atenção do público e fideliza o comprometimento deste com a complexidade da trama. Como é o caso das séries *House of Cards* (2013 - 2018, Netflix), *Modern Family* (2009 - 2020, ABC) e *I May Destroy You* (2020, HBO/BBC).

A partir deste contexto, este artigo tem como objetivo analisar de que modo a quebra da quarta parede é usada na complexidade narrativa e como este recurso potencializa a relação parassocial entre o telespectador e o personagem. Para reflexão desta questão, traçamos um breve histórico desta técnica de storytelling e aplicamos a análise de conteúdo (BARDIN, 1977) nas séries *Fleabag* e *High Fidelity*.

A QUARTA PAREDE

O termo "quarta parede" surgiu no teatro com a ideia de criar uma realidade paralela (PICCININ; STEINDORFF, 2017). Isto é, consideraram que o palco possuía quatro dimensões, as três paredes sólidas representadas pelas laterais e o fundo do cenário e, uma quarta parede invisível que seria justamente essa divisão entre o público e os atores. Num primeiro momento, a regra era ignorar essa parede invisível para reforçar a existência desse outro universo, no qual não existia contato entre os personagens e os espectadores. Posteriormente, a técnica foi aplicada na literatura, no cinema e na ficção seriada (SILVA, 2000; CALDWELL,1995; PICCININ; STEINDORFF, 2017). De acordo com Metz (1985), a quarta parede no cinema também deve ser ignorada para obter a separação desses dois mundos, o personagem deve construir a ideia da sua existência antes e para além da narrativa, criando assim a sensação de que o telespectador está vivenciando a situação.

> O cinema dá a impressão de que é a própria vida que vemos na tela, brigas verdadeiras, amores verdadeiros. Mesmo quando se trata de algo que sabemos não ser verdade, como o Pica-pau Amarelo ou O Mágico de Oz, ou um filme de ficção científica como 2001 ou Contatos Imediatos do Terceiro Grau, a imagem cinematográfica permite-nos assistir a essas fantasias como se fossem verdadeiras; ela confere realidade a essas fantasias. (BERNARDET, 2001, p.12)

A principal intenção ao invisibilizar a quarta parede é promover a identificação do público com os personagens e os acontecimentos da narrativa, como se fosse ele que estivesse passando por aqueles dilemas apresentados na tela (ESQUENAZI, 2010; VIEIRA, 2014). No momento em que o telespectador é movido para dentro do universo ficcional, se colocando no lugar do personagem - compreendendo os seus sentimentos e pensamentos -, acredita-se não ser necessário verbalizar essas informações na cena, já que o narratário é conduzido a sentir o que o personagem sente.

Dessa forma, nas narrativas complexas o papel do espectador se transforma e, de certa forma, se amplia, já que ele é retirado da sua posição de conforto - a qual é proporcionada nas produções em que o próprio enredo preenche todas as lacunas para o público - e redirecionado para uma posição mais proativa na narrativa, sendo capaz de organizar e interpretar as informações propositalmente oferecidas a ele.

No entanto, a televisão passou por consideráveis mudanças ao longo do tempo. Podemos notar, de acordo com as discussões propostas por Mittell (2012; 2015) e Johnson (2012), que a partir da década de 1990 as narrativas seriadas ficcionais estadunidenses passaram a explorar diversas camadas interpretativas. Processo este que demandou um maior esforço cognitivo dos telespectadores ou até mesmo a sua participação direta completando lacunas, como é o caso dos estímulos propostos pela quebra da quarta parede.

MAS AFINAL, POR QUE QUEBRAR A QUARTA PAREDE?

De acordo com Mittell (2015) distanciar das produções convencionais inovando na forma de contar histórias é um dos motivos que levam ao rompimento da quarta parede. As narrativas que utilizam esse recurso de *storytelling* tem em si mesma o seu referente, seja quando o personagem fala sobre suas questões psicológicas ou quando a voz over relata a cena. Neste contexto, a quebra da quarta parede pode produzir diversos sentidos, o recurso pode ser usado para explorar o humor, dar um valor dramático ou irônico à ficção, humanizar o personagem, entre outras.

Além disso, a ausência de setas chamativas é um recurso utilizado na quebra da quarta parede para que o público produza sentido em cima do que está sendo exposto apenas para ele, completando assim a história. As setas chamativas servem como um guia narrativo, em sua ausência o espectador é incentivado a interpretar os sinais, abrindo espaço para ambiguidade, mistério e criatividade. Dessa maneira, as narrativas complexas se pautam no esforço analítico necessário para o entendimento da história e nesse quesito a quebra da quarta parede se posiciona muito bem. Para Johnson (2012, p.61), a seta chamativa é "[...] uma espécie de cartaz narrativo, disposto convenientemente para ajudar o público a entender o que está acontecendo". O recurso é um guia narrativo que enfatiza

os detalhes relevantes e diminui o esforço analítico necessário para o entendimento de uma história (JOHNSON, 2012).

Segundo Johnson (2012) as setas chamativas possuem dois níveis de informação: de textura e de substância. O modo de textura é pautado por uma linguagem técnica e geralmente é usado para convencer o público de que ele está vendo
profissionais reais em ação. Desta forma, no momento em que o diálogo entre o narrador e o telespectador é estimulado, a série deixa um espaço intencionalmente não preenchido, ao mesmo tempo em que proporciona informações necessárias para que o próprio telespectador desenvolva diversas interpretações do conteúdo e preencha essa lacuna.

Em *House of Cards* a ausência das setas chamativas pode ser observada na construção do anti-herói Frank Underwood (Kevin Spacey). Frank usa do rompimento da quarta parede para se tornar cúmplice do público, por meio de confissões sobre seus medos, comentários com seu verdadeiro ponto de vista sobre as situações e os demais personagens. Além do artifício de confiar no telespectador informações que não seriam bem vistas caso ele contasse para os outros personagens. Essa personalidade do narrador promove diferentes interpretações por parte do público, alguns questionam sua ética e outros admiram seu comportamento.

De acordo com Steindorff (2015), o narrador promove diversas interações com o seu público, chamado de espectador ideal - aquele que compreende as informações destinadas exclusivamente a ele e utiliza disso para produção de sentido -, tais interações podem ser de forma diegética confessional e gestual.

> A categoria diegética trata-se de antecipações e lembranças de acontecimentos da diegese. Já a categoria confessional trata de emoções, segredos e juízos do narrador que são revelados somente ao espectador/narratário. A categoria gestual, é aquela em que o narrador intradiegético utiliza apenas expressões faciais e gestos para comunicar alguma coisa ao espectador/narratário. (PICCININ; STEINDORFF, 2017, p.7).

Em relação a postura do espectador, notamos que essa se diferencia de apenas telespectador da narrativa, sem ser estimulado diretamente pela produção, para um participante ativo, que alcança um controle mais significativo da interpretação da história justamente por ter informações exclusivas que os próprios arcos narrativos não possuem. Dessa maneira, o telespectador passa a fazer parte da narrativa, sendo confidente do personagem e criando uma intimidade entre o narrador e o narratário.

Os acontecimentos da trama são conduzidos ao espectador de forma direta por meio do narrador. Nesse sentido, o narrador interrompe com frequência a história para falar com seu público, independente da presença de outros personagens, muitas vezes com comentários sobre suas impressões a respeito daqueles personagens. O narrador parece saber bem o que o telespectador está pensando, além de mostrar o seu ponto de vista sem cortes, demonstrando que ele está no controle da narrativa.

A criação de um mundo paralelo, no qual o narrador e o espectador dividem informações que somente eles têm acesso transformou a forma de produzir as narrativas. Ao longo das temporadas da série, o telespectador consegue captar rapidamente (e até antecipar) quando o personagem irá fazer um comentário para a câmera e obter uma melhor compreensão dos gestos que foram emitidos em determinado momento.

O uso da quebra da quarta parede nas ficções seriadas televisivas estadunidenses não é algo recente (JOST, 2011; SEABRA, 2016). O seriado *The Fresh Prince of Bel-Air* (1990 - 1996/ NBC) marcou uma geração e os telespectadores tinham uma relação de cumplicidade com o protagonista Will, interpretado por Will Smith, que contava as suas experiências na mansão em que morava com seus parentes, como se estivesse conversando com um amigo. O rompimento da quarta parede é usado em alguns momentos específicos para focar nas reações de Will e gerar uma situação cômica.

Outras produções que marcaram décadas usando o recurso foram *The Office* (2005 - 2013, NBC) e *Mr. Robot* (2015 - 2019, USA Network). A primeira constrói grande parte da sua narrativa usando o rompimento da quarta parede, por ser um mocumentário que acompanha o dia a dia dos funcionários da Dunder Mifflin, olhar para câmera se tornou um meio dos personagens demonstrarem desconforto com determinada situação. Dessa forma, em *The Office* todos os personagens trocam olhares com a câmera ou até mesmo falam com ela, isso acontece nas cenas das entrevistas com cada personagem para discutir os temas abordados no episódio. Já em *Mr. Robot* a quebra da quarta parede está relacionada com o *plot twist* da série. No começo da história o telespectador tem acesso a visão do protagonista e ao que este relata para seu público, no entanto, em um determinado momento descobrimos que todo enredo compartilhado até então era uma ilusão criada pelo Elliot (Rami Malek), como a relação do personagem com o telespectador sempre foi de confissão, ambos descobrem a verdade juntos.

QUEBRANDO A QUARTA PAREDE COM *FLEABAG* E *HIGH FIDELITY*

Nos últimos anos, a quebra da quarta parede foi usada em diversas produções com protagonismo feminino (PRESS, 2018). Neste artigo, iremos analisar a produção de sentido proposta pelo uso dessa técnica em duas séries que se enquadram em diferentes gêneros, são elas *Fleabag* e *High Fidelity*.

Com autoria e atuação de Phoebe Waller Bridge, a série *Fleabag* produzida para a BBC ganhou seis Emmys - incluindo o de melhor série de comédia, melhor atriz e melhor roteiro de comédia. No Brasil a trama pode ser assistida pelo *streaming* Amazon Prime Video. O primeiro episódio foi ao ar no dia 21 de julho de 2016 e o último em 8 de abril de 2019, ao todo foram produzidas duas temporadas.

A história se desenvolve nos dilemas da protagonista que recebe o mesmo nome que a série *Fleabag* - cujo significado remete a algo negativo, em tradução livre "saco de pulgas", que pode ser entendido por uma pessoa desagradável -, lidar com o luto, solidão, expectativas do futuro, noção de sucesso e relacionamentos amorosos são algumas das temáticas trabalhadas na obra. A narrativa nos transporta para dentro da mente de uma mulher inteligente, sexual, inquieta, engraçada, entre várias outras definições, que enfrenta diferentes obstáculos nos seus relacionamentos familiares, amorosos e nas amizades, desmistificando o papel da mulher na ficção seriada (WOODS, 2019; DARLING, 2020).

A quebra da quarta parede é o grande destaque da série, pois ela promove o ritmo da história. Usada constantemente para transmitir os pensamentos e impressões da protagonista sobre os personagens e as situações, e também ajudando o telespectador a completar lacunas que ficam propositalmente soltas durante os episódios. Como, por exemplo, os comentários nas cenas de *flashbacks* do que aconteceu com sua melhor amiga e sócia na cafeteria. O olhar de *Fleabag* para a câmera se tornou algo marcante, por meio dele a personagem transmite um sentimento ao mesmo tempo em que apenas com um olhar ela se comunica com o público e incentiva camadas interpretativas.

A produção de sentidos varia entre o humor irônico e o drama, muito drama. As rápidas interações ocorrem de forma natural como, por exemplo, em uma conversa com a sua irmã a protagonista antecipa o que Claire irá dizer e, logo após confirma que estava certa. A produção se sustenta com muitos diálogos e todos rápidos, precisos, intensos e

cômicos. A personagem relata seu dia a dia se tornando cúmplice do telespectador que a esta altura já se identificou diversas vezes com ela e com as situações.

Imagem 1: Sequência de frames do 4° episódio da 2° temporada de Fleabag, mostrando o momento que o personagem "padre" identifica e participa da quebra da quarta parede.
Fonte: Captura de Tela/ Amazon Prime (2019)

Na segunda temporada, *Fleabag* adiciona uma nova camada ao rompimento da quarta parede, o personagem conhecido como "o padre" percebe que a protagonista está conversando com a câmera e tenta entrar no universo de intimidade dela com o telespectador, buscando entender o motivo dessa ação. *Fleabag* conecta o personagem ao telespectador, como se fossem duas pessoas reais conversando. Promovendo diálogos que geram discussões e reflexões sobre questões de valores e ideologias importantes na sociedade como o feminismo e a religião e como lidar com o luto.

A série *High Fidelity* foi produzida por Adrienne Erickson e Raymond Quinlan e protagonizada pela atriz Zoë Kravitz. A produção, de apenas 10 episódios, foi cancelada após sua estreia. A primeira cena de *High Fidelity* já nos mostra o que podemos esperar da série: o diálogo da protagonista diretamente com o público e a partir deste primeiro contato descobrimos também a temática a ser explorada: a lista com os términos mais memoráveis - em ordem cronológica - de Rob (Zoë Kravitz). A série, baseada no livro homônimo de Nick Hornby, conta a história de Rob, dona de uma loja de discos de vinil no Brooklyn e apaixonada pelo universo musical. Ao longo dos dez episódios

conhecemos mais sobre o seu cotidiano, o qual ela mesma vai contando enquanto a acompanhamos no trabalho, saindo com os amigos e, claro, indo a encontros amorosos.

Imagem 2: Cenas da série High Fidelity, na qual a personagem Rob rompe com a quarta parede.
Foto: Captura de Tela/ Starzplay (2020)

A comédia romântica estreou em 2020, na plataforma Hulu nos Estados Unidos com distribuição no Brasil pelo serviço de streaming StarzPlay. Acompanhamos o amadurecimento dessa personagem feminina complexa, compartilhando de suas confusões, inseguranças, momentos de fragilidades, da forma sincera, ao mesmo tempo em que a vemos feliz com a sua carreira, descobrindo seu lado artístico, entre outras conquistas. A dramédia se sustenta com o apoio dos amigos de Rob, Cherise (Da'Vine Joy Randolph) e Simon (David H. Holmes), que divertem o público.

O rompimento da quarta parede ocorre desde o primeiro frame, com o seu 5° término, até o último, finalizando a temporada com Rob expressando seu sentimento a respeito do fim de seu 6° relacionamento. A narrativa usa o recurso para criar uma identificação do público com a personagem, o telespectador entra na mente da

protagonista e compreende seus sentimentos e os motivos que a levaram a agir de uma determinada maneira.

Dessa forma, mergulhamos no top 5 das suas decepções amorosas, descobrindo como ela conheceu as pessoas, entendendo o tipo de relação que tinham até o rompimento e focando, principalmente, em como lidar com esse término. A conversa de Robyn com a câmera é o que mantém o telespectador atento e curioso para descobrir o desenrolar das histórias. É uma trama sobre relacionamentos, no qual a relação da protagonista com a música se classifica como um personagem. Presente em todos os momentos, tristes, alegres e reflexivos. Ouvir música, pensar nas letras e criar playlists são uma forma que a personagem encontra de conseguir expressar seus sentimentos.

A forma sarcástica com que Rob trata o fim de seus relacionamentos provoca humor no público, rompendo com a carga dramática do tema. Com um relato detalhado sobre seus sentimentos, a protagonista conquista a atenção do espectador. Este funciona como o inconsciente da personagem, remetendo a todo o momento em que precisa explicar quem é determinado personagem e qual lugar ele ocupa em sua vida, quais são suas expectativas sobre determinado comportamento e até mesmo suas impressões a respeito de uma música ou cantor.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse artigo buscou refletir sobre a função do rompimento da quarta parede, sua inserção nas ficções seriadas e as diferentes produções de sentido proporcionadas com o seu uso. Observamos que, cada vez mais, as narrativas complexas estão inserindo a quebra da quarta parede como forma de aproximar o telespectador do personagem e estimular sua interação com os elementos que desdobram da série, assim produzindo diversos sentidos e promovendo debates que vão para além do universo ficcional.

Além disso, é visível que o rompimento da quarta parede, por ser um recurso presente na complexidade narrativa, estimula a compreensão crítica do público, pois são colocados artifícios, como pistas dos acontecimentos da série e relatos pessoais do protagonista sobre os demais personagens e os acontecimentos da trama, para que o espectador complemente a informação e tenha uma experiência expandida acerca da

narrativa. Dessa forma, o conteúdo pode ser reassistido várias vezes na tentativa de recuperar o que foi oferecido para ter um melhor entendimento da narrativa.

Nesse sentido, os objetos analisados comprovam essas características expostas a respeito do rompimento da quarta parede. Identificamos tanto em Fleabag quanto em High Fidelity uma proximidade do telespectador com o protagonista, proporcionada pelo relato, em primeira pessoa, direcionado para a câmera. Sendo assim, o público constrói uma relação de cumplicidade com o personagem, a pessoa cuja narração é dirigida se sente parte da trama por ter acesso a informações confidenciais e exclusivas.

Com isso, podemos observar que as novas produções irão adicionar novas camadas interpretativas por meio do uso deste recurso, buscando estimular a participação do telespectador e criar uma parassocial entre ele e o personagem.

REFERÊNCIAS

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.

BERNARDET, Jean-Claude. **O que é cinema**. São Paulo: Brasiliense, 2001.

CALDWELL, J.. **Televisuality**: Style, Crisis and Authority in American Television. New Brunswick: Rutgers University Press, 1995.

DARLING, O. “The moment you realise someone wants your body:” neoliberalism, mindfulness and female embodiment in Fleabag. **Feminist Media Studies**, v.21, p.1-16, 2020. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/14680777.2020.1797848?journalCode=rfms20> . Acesso em: 4 ago. 2021.

ESQUENAZI, J. **As séries televisivas**. Lisboa: Armand Colin, 2010.

JOHNSON, S. **Tudo que é ruim é bom para você**: como os games e a TV nos tornam mais inteligentes. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.

JOST, F. **Do que as séries americanas são sintoma?** . Porto Alegre: Sulina, 2011.

METZ, Christian. História-discurso. In.: GEADA, Eduardo (Org.). **Estéticas do Cinema**. Lisboa: Dom Quixote, 1985.

MITTEL, J. **Complex TV**: The Poetics of Contemporary Television Storytelling. New York: NYU Press, 2015.

MITTELL, J. Complexidade narrativa na televisão americana contemporânea. Matrizes, v. 5, n. 2, p. 29-52, 2012. Disponível em:<https://goo.gl/srs8De>. Acesso em: 27 jul. 2021

NELSON, R. **TV Drama in Transition**: Forms, Values & Cultural Change. Great Britain: Macmillan Press Ltd., 1997.

PICCININ, F; STEINDORFF, G. O narratário como confidente: metaficção e a quebra da quarta parede em House of Cards. **Linguagens**, v. 11, n. 1, p. 148-160, 2017. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/317994737>. Acesso em: 27 jul. 2021

PRESS, J. **Stealing the show**: How women are revolutionizing television. Nova York: Atria Books, 2018.

SEABRA, R. Renascença: **A série de TV no século XXI**. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.

SILVA, Jr P de. **La Televisión Ha Muerto -** La Nueva Producción Audiovisual en la Era de Internet. Barcelona: Gedisa, 2000

STEINDORFF, Gabriel. Além de um castelo de cartas: a metaficção na série House of cards. 2015. 104 f. **Dissertação** (Mestrado) - Universidade de Santa Cruz do Sul, 2015. Disponível em: <http://btd.unisc.br/Dissertacoes/GabrielSteindorff.pdf >. Acesso em: 27 de jul. 2021

VIEIRA, M. Dramaturgia seriada contemporânea: aspectos da escrita para a tevê. **Lumina**, v.8, n.1, p. 1-14, 2014.
Disponível em: <https://lumina.ufjf.emnuvens.com.br/lumina/article/view/355/307>. Acesso em: 4 ago. 2021.

WOODS, F. Too Close for Comfort: Direct Address and the Affective Pull of the Confessional Comic Woman in Chewing Gum and Fleabag. **Communication, Culture and Critique**, v.12, n.2, p. 194-212, 2019. Disponível em: <https://academic.oup.com/ccc/article-abstract/12/2/194/5448909 >. Acesso em: 4 ago. 2021.